

## A violência marcante em *Ressurreição*, de Leon Tolstói

Alex Rezende Heleno<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem por meta a análise do romance *Ressurreição*, de Léon Tolstói. Visa ao estudo das críticas feitas pelo autor a partir de uma narrativa que avança em direção à essência das contradições sociais e ao conflito de consciência do protagonista que se vê desafiado pelas situações que lhe são apresentadas: a violência entre as classes (como, por exemplo, a violação da jovem empregada por Nekhludov), a injustiça, o sistema prisional, a propriedade como mantenedora da desigualdade, etc. Nesse conflito, crenças e costumes serão formas de tormenta para o personagem protagonista, um conflito que é também do autor, mostrando haver, na obra, pontos biográficos. Os estudos de Lukács, Watt e Zweig darão base para entendermos a estrutura da narrativa do romance, de cunho realista, que se desdobra em dois vieses: a relação do protagonista com sua amada (a Maslova) e o conflito gerado pela insatisfação daquele com a situação social do país. Com Zweig, haverá possibilidade de compreendermos melhor o pensamento do próprio autor, que vê no estabelecimento e na divisão de terras em propriedades, o fator primordial para o surgimento da desigualdade social bem como a violência estabelecida como resultado dessa desigualdade.

**Palavras-chave:** Desigualdade social. Injustiça. Crença.

### Introdução

Liev Nikoláievitch Tolstói nasceu no ano de 1828 em Iásnaia Poliana, propriedade rural de sua família, na Rússia. Falece na aldeia de Astápovo em 1910. Tornou-se mundialmente conhecido por suas críticas às instituições sociais, sobretudo ao Estado e à Igreja, com suas interpretações paradoxais da Bíblia e às desigualdades da sociedade. *Guerra e paz* (obra cujo pano de fundo é a invasão da Rússia pelas tropas de Napoleão) e *Anna Kariênina* (que reflete o conflito dos nobres com seus próprios privilégios diante da percepção da desigualdade social) foram obras que alcançaram grande sucesso na Rússia e no exterior.

A obra *Ressurreição* obteve, nos anos iniciais de sua publicação, grande repercussão, mas foi abandonada no curso do século XX ao se tornar alvo de críticas que a condenavam por um suposto viés de moralismo e religiosidade, ou seja, que o objetivo do autor era transmitir uma moral de boa conduta e que se fizesse seguir os preceitos da religião. O fato é que a obra nos traz uma nova visão acerca dos Evangelhos, que devem ser lidos de modo diferente daquele (im) posto pela Igreja ortodoxa russa. Além disso, nos apresenta uma análise da estrutura social que prevalece na Rússia de sua época; uma crítica à sociedade que

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras Português/Francês pela Universidade Federal de Viçosa (UFV – Viçosa – MG – Brasil) e mestrando em Estudos Literários pela mesma universidade. E-mail: [alexrezendeh@yahoo.com.br](mailto:alexrezendeh@yahoo.com.br).

mantinha a riqueza (a propriedade como símbolo dessa desigualdade) enquanto grande parte da população vivia na miséria. A obra requer de nós, também, uma crítica à propriedade considerada tanto para o autor quanto para o personagem um dos motivos para tanta desigualdade.

A propriedade é a marca da exploração dos ricos sobre os pobres, da violência do homem contra seu semelhante. É a manutenção de uma sociedade de classes.

Outro ponto explorado pela obra é a crítica ao sistema judiciário que condena à prisão indivíduos inocentes e injustamente submete muitos outros a trabalhos forçados; sujeitos já punidos pela falta de compromisso de juízes e jurados que elaboram sentenças falhas. O próprio sistema de prisões é alvo das críticas do autor por causa do tratamento desumano dispensado àqueles que ali ficam retidos.

### **A narrativa em *Ressurreição***

A obra de Tolstói tem como cerne um realismo crítico bastante contundente para o período ao qual faz referência: a sociedade russa das últimas décadas do século XIX. A narrativa é elaborada a partir dos conflitos de um personagem que começa a perceber a ignorância e o descaso de sua casta em relação à pobreza (material e intelectual) do restante da sociedade. Portanto, é preciso entender o termo “realismo” que, de acordo com Ian Watt (1990, p. 15):

[...] tem o grave defeito de esconder o que é provavelmente a característica mais original do gênero romance. Se este fosse realista só por ver a vida pelo lado mais feio não passaria de uma espécie de romantismo às avessas; na verdade, porém, certamente procura retratar todo tipo de experiência humana e não só as que se prestam a determinada perspectiva literária: seu realismo não está na espécie de vida apresentada, e sim na maneira como a apresenta.

A maneira como o autor apresenta as experiências humanas em sua narrativa faz com que a obra não perca a sua atualidade. Os temas realistas abordados, sobretudo o conflito do homem em sua busca pela compreensão dos motivos para a injustiça, para a desigualdade social, para entender os valores de uma época, são conflitos que ainda atormentam os pensadores do nosso tempo.

E é por esta razão, pela coerência realista, que o narrador em *Ressurreição* move-se com grande habilidade entre presente e passado, de forma a encadear os acontecimentos do passado com esclarecimentos que se fazem necessário para o avanço da ação que ocorre no presente. É o passado do personagem central, Nekhludov, que será desperto após o reencontro com a personagem Maslova, e a partir daí uma série de crises de consciência que fazem com que o personagem comece a ver além do “seu mundo”.

Poderíamos dizer, desse modo, que com grande habilidade o narrador nos apresenta duas narrativas que se desenrolam simultaneamente. A primeira aborda a relação entre o príncipe Nekhludov (personagem central da obra - a titulação de príncipe não significa no romance fazer parte da realeza, mas estar inserido numa classe social rica e privilegiada) e Maslova (também afetivamente designada como Katucha - personagem que faz parte de uma classe menos favorecida). Essa primeira narrativa é responsável pelo desencadeamento da segunda, a qual se tornará, ao longo do romance, o foco central.

Essa segunda narrativa, posta como central a partir do julgamento de Katucha, que está sendo condenada pela morte de um homem, se dá com o reconhecimento da personagem por Nekhludov. A partir desse instante vemos o desenrolar de uma série de memórias que fazem com que o príncipe comece a se questionar sobre seu comportamento em relação ao passado e em relação a suas atitudes para com a própria Maslova.

Este despertar do personagem para lembranças que o levam à sua juventude, à sedução de Katucha e, posteriormente, ao abandono da jovem, o faz perceber o quanto ele havia mudado a partir de então. Inserido no seio de uma sociedade rica, o personagem se vê no direito de ignorar os problemas sociais e a injustiça à sua volta. Este será o conflito que norteará toda a narrativa: por um lado, o pensamento individualista, de alguém da alta sociedade, que pode simplesmente ignorar aqueles que estão em classes inferiores; por outro lado, um pensamento social que torna impossível ignorar todas as mazelas da sociedade russa (principalmente no que diz respeito às injustiças sociais e legislativas, ao sistema de prisão e à posse e cultivo desiguais da propriedade).

Nesse percurso, o personagem se questionará se sua intenção de reparar os erros do passado é para o alívio de sua consciência ou se é realmente pelo arrependimento de seus atos. Essa segunda narrativa que aborda os conflitos e questionamentos do personagem diante de todos esses problemas que parecem atormentar somente a si se destacará, portanto, da

primeira, mas se entrelaçará constantemente com ela e funcionará como uma espécie de “gatilho” para o despertar dos conflitos vividos por Nekhludov.

Essa desenvoltura do narrador assenta a obra numa medida verossimilhante, que é a junção de uma superfície ligada a acontecimentos cotidianos da vida (primeira narrativa) e questões sociais mais aprofundadas (segunda narrativa). De acordo com Lukács (1968, p. 95), essa é uma exigência feita ao escritor: “[...] cumpre-lhe captar a relação íntima entre a necessidade social e os acontecimentos da superfície, construindo um trecho que seja a síntese poética dessa relação, a sua expressão concentrada”.

Ainda com Lukács (1968, p. 63), percebemos a relação da obra com a realidade graças a verossimilhança interna (acontecimentos encadeados coerentemente) e à verossimilhança externa (coerência com o mundo exterior, com o conjunto de críticas a entidades sociais):

Se não revelam traços humanos essenciais, se não exprimem as relações orgânicas entre os homens e os acontecimentos, as relações entre os homens e o mundo exterior, as coisas, as forças naturais e as instituições sociais, até mesmo as aventuras mais extraordinárias tornam-se vazias e destituídas de conteúdo.

Essas duas narrativas verossimilhantes se alinham de modo a desencadear no personagem conflitos e questionamentos diante da realidade que o cerca, diante das desigualdades. Leva-o a perceber que se deixou influenciar pela elite rica a qual pertencia, tornando-se cego para os problemas sociais, assim como o fazem todos os demais favorecidos pela riqueza. Mas, a partir da condenação injusta e da rememoração de seu passado ao lado daquela mulher, ele toma outro posicionamento.

Nos últimos capítulos da obra, a narrativa que comporta o conflito do personagem em relação às mazelas sociais se destacará, ou melhor, pode-se dizer que outra narrativa terá início: a visão dos problemas sociais por um viés religioso, ou seja, a tentativa de se explicar tais problemas através da religião. Inicia-se a leitura e interpretação, pelo personagem, do Evangelho, que se supõe conter respostas às dúvidas de Nekhludov. Trata-se de uma crítica aos supostos ensinamentos contidos no Evangelho.

A obra *Ressurreição* nos apresenta muito da ideologia de Tolstói acerca dos temas abordados. Ela desenvolve uma exposição realista de alguém que viveu e experienciou os conflitos de seu tempo numa constante busca por reparar as injustiças sociais e combater toda

a forma de sobreposição entre os homens. Seu desejo era formar uma comunidade de homens simples (mas não ignorantes) ligados à natureza:

A grande mentalidade de Tolstói [...] aspira a uma vida que se funda na comunidade de homens simples, de mesmos sentimentos, estreitamente ligada à natureza, que se molda ao grande ritmo da natureza, move-se segundo sua cadência de vida e morte e exclui de si tudo o que é mesquinho e dissoluto, desagregador e estagnante das formas não-naturais (LUKÁCS, 2000, p. 153).

Tolstói percebe a “cegueira” existente entre aqueles que faziam parte da classe social mais rica. Sua luta torna-se, portanto, um modo de instruir os homens a cerca dessa imposição que faz acreditar aos menos favorecidos que a ordem estabelecida não pode ser contestada:

Há alguma coisa falsa nesta atual organização social; ele (Tolstói) a reconheceu profundamente, com uma evidência dolorosa, e, depois dessa hora, tem um único fito: instruir os homens, adverti-los, formá-los, para que eles espontaneamente, se esforcem para reparar a monstruosa injustiça criada pela superposição dos homens em classes a tal ponto separadas (ZWEIG, 1961, p. 23).

É, portanto, o romance que nos aponta para essa formação de consciência acerca das injustiças. O trecho a seguir, tirado à obra, nos mostra como a justiça pode ser tendenciosa: “– Elle (la justice) a pour unique objet de maintenir un ordre de choses favorable à une certaine classe sociale”<sup>2</sup> (TOLSTÓI, 1900, p. 266).

A posse de terras, a propriedade, também é centro das atenções de Tolstói, que acreditava numa posse coletiva das terras, para o cultivo igualitário e distribuição comum dos produtos. Seria uma solução para a miséria dos camponeses. A passagem que se segue nos dá uma ideia desse pensamento:

Et il se rappela tout à coup les théories d’Henry George et l’enthousiasme qu’il avait eu pour elles ; et il s’étonna d’avoir pu oublier tout cela. « La terre ne saurait être un objet de propriété particulière ; elle ne saurait être un objet de vente et d’achat, pas plus que l’eau, pas plus que l’air, pas plus que les

---

<sup>2</sup> Minha tradução: “Ela (a justiça) tem por único objeto manter uma ordem de coisas favorável a uma classe social”.

rayons du soleil. Tous les hommes ont un droit égal à la terre, et à tous les biens qu'elle produit.<sup>3</sup> (TOLSTÓI, 1900, p. 250).

Em *Ressurreição*, Nekhludov se aterroriza e sente repugnância pela sociedade ao perceber que esta fecha os olhos às misérias de grande parte da população camponesa, sobretudo, e o que é pior, explora-os no cultivo de suas posses. Ele se dá conta de que é a essa mesma sociedade que ignora os miseráveis que ele deverá buscar apoio para ajudar aqueles a quem ele se dispôs a defender a causa. Um paradoxo que fará aumentar seu repúdio e desgosto pela casta a qual pertencia e pela qual foi por muito tempo influenciado. É o que se confirma na passagem:

Depuis sa dernière visite à Maslennikov et son séjour à la campagne, il se sentait pénétré d'une répugnance profonde pour la société dont il avait fait partie jusqu'alors : il ne pouvait s'empêcher de penser que, pour le bien-être et le divertissement de cette société, des millions d'êtres humains souffraient, et que leur souffrance passait inaperçue aux yeux de cette société qui, du même coup, évitait de se rendre compte de tout ce qu'il y avait, dans sa propre vie, de misérable et de criminel<sup>4</sup> (TOLSTÓI, 1900, p. 214).

A crítica à propriedade é vista pelo autor como a base das desigualdades entre os homens. Para eles a terra não deveria pertencer a ninguém, mas ao contrário, ser cultivada por todos. Para isso é necessária uma revolução, mas uma revolução sem guerra, sem violência uma revolução muito mais eficaz: a revolução do pensamento consciente. Tolstói acreditava na revolução interior: “Para mudar a ordem do mundo, torna-se necessário, primeiramente, que os homens se modifiquem a si mesmos. O sonho de Tolstói é, pois, a revolução interior, a da consciência inflexível e pronta a tudo e não a revolução à mão armada e não de punhos.” (ZWEIG, 1961, p. 32-33).

### Aspectos biográficos da obra

<sup>3</sup> Minha tradução: “E repentinamente ele se lembrava das teorias de Henry Georg e o entusiasmo que ele havia tido por elas; e ele se assustava de ter podido esquecer tudo aquilo: ‘a terra não deveria ser objeto de propriedade particular; ela não deveria ser objeto de compra e venda, não mais que a água, não mais que o ar, não mais que os raios de sol. Todos os homens têm iguais direitos a terra e a todos os bens que ela produz’”.

<sup>4</sup> Minha tradução: “Desde sua última visita a Maslennikov e sua estadia no campo, ele se sentia penetrado por uma repugnância profunda pela sociedade da qual ele havia feito parte até então: ele não podia se impedir de pensar que, para o bem-estar e o divertimento dessa sociedade, milhões de seres humanos sofriam, e que seu sofrimento passava despercebido aos olhos dessa sociedade que, da mesma forma, evitava atentar para tudo o que havia, em sua própria vida, de miserável e criminoso”.

É inegável que haja traços ou ideologias de Tolstói na composição do personagem Nekhludov e na própria narrativa do romance. Muitos acontecimentos, questões e lutas de sua vida farão também parte dos conflitos que atormentam o personagem. Essa vivência do autor se reflete em sua obra, como é salientado por Lukács (1968, p. 56):

Balzac, Stendhal, Dickens, Tolstoi representam a sociedade burguesa que está se consolidando através de graves crises; representam as complexas leis que presidem à formação dela, os múltiplos e tortuosos caminhos que conduzem da velha sociedade em decomposição à nova que está surgindo. Eles mesmos viveram esse processo de formação em suas crises, participaram ativamente dele, se bem que em formas diversas (Grifo meu).

Essa participação ativa nas transformações da sociedade transparece na obra do autor. Na apresentação de *O pensamento vivo de Tolstói*, Stefan Zweig nos traz as seis questões que estavam na base das reflexões de Tolstói e que transmitem tanto uma inquietação social quanto um misticismo do autor:

Existe uma página maravilhosa escrita nesse tempo por Tolstói, onde consignou as seis ‘questões sobre o desconhecido’, que ele deve responder:

- a) Por que vivemos?
- b) Qual é a causa da minha e de todas as outras existências?
- c) Qual é o fim da minha e de todas as outras existências?
- d) Que significa essa distinção entre o bem e o mal que encontro em mim e por que ela existe?
- e) Como devo viver?
- f) O que é a morte e como me salvar? (ZWEIG, 1961, p. 15-16).

Esse repertório de “questões sobre o desconhecido” inquietarão, também, Nekhludov a partir do momento em que se reconhece Katucha e o mal causado a ela. O desejo de reparar seu erro o colocará diante de várias outras injustiças presentes na sociedade russa.

Tolstói era simpático às ideias dos *dukhobors* (lutadores do espírito) que defendiam e punham em prática um estilo de vida comunitário, igualitário e democrático. Esse grupo negava a propriedade, o governo, o Estado, o dinheiro, a igreja e a Bíblia como fonte de revelação. Defendiam o pacifismo e a não-violência. Essa “doutrina” de vida, se não satisfazia a sua pergunta “como devo viver”, era-lhe muito agradável.

Dentre as inquietações de Tolstói que são transmitidas pelo discurso de Nekhludov estão as questões ligadas às injustiças em relação à moralidade existente na sociedade. Para o autor, bem como para o personagem, era imoral que homens sem caráter fossem responsáveis pela condenação de semelhantes. Na passagem abaixo, Nekhludov se questiona sobre o assunto:

Et la quatrième des affaires qui préoccupaient Nekhludov était d'arriver à savoir pourquoi tous ces hommes étaient mis en prison et torturés en toute manière, tandis que d'autres hommes semblables à eux, et même très inférieurs à quelques-uns d'entre eux, étaient laissés en liberté et chargés de les juger et de les condamner<sup>5</sup> (TOLSTÓI, 1900, p. 257).

A personagem Katucha nos mostra a situação da mulher naquela sociedade, vista apenas como um objeto sexual pela maioria dos homens com quem teve contato. Ela, que se vê obrigada a se prostituir depois de ser expulsa da casa das tias de Nekhludov após ter sido descoberto sua gravidez foi, possivelmente, composta a partir das lembranças do autor em relação a uma criada seduzida por ele na mocidade. Os arrependimentos do personagem não seriam também os do próprio autor?

Esse arrependimento faz surgir a presença de uma religiosidade na elaboração do romance. Isso vai a encontro das próprias convicções religiosas do autor. Mas não se pode afirmar que Tolstói intente divulgar suas ideias evangélicas. O que se percebe é muito mais um desafio, um questionamento da própria fé, são conflitos que surgem a partir da busca por respostas na tentativa de se compreender e compreender os motivos da injustiça humana.

As condições sociais do autor lhe permitem ver o enorme contraste entre a pobreza e a riqueza. Ele vê, a partir de seus erros pessoais, os erros de sua casta e o desinteresse geral em se interessar pelos problemas humanos que os cercavam:

Mas, à sua revelia, a pergunta primitiva: 'Que erro havia na minha vida?' cresce até se converter na pergunta geral; 'Que erro há na vida de todos nós?' e logo se transforma numa crítica do tempo, numa crítica do presente. Começa a olhar à volta de si e percebe (isto não era difícil, sobretudo na Rússia daquele tempo) a desigualdade das condições sociais, o contraste

---

<sup>5</sup> Minha tradução: "E o quarto assunto que preocupava Nekhludov era conseguir entender porque todos esses homens eram colocados na prisão e torturados de todas as formas, enquanto que outros homens semelhantes a eles, e até mesmo inferiores a alguns deles, eram deixados em liberdade e encarregados de julgá-los e condená-los".

entre a pobreza e a riqueza, o luxo e a miséria; vê, a par dos seus erros pessoais, a injustiça geral dos homens da sua casta e reconhece que o seu primeiro dever é por fim a essa injustiça (ZWEIG, 1961, p. 21-22).

Mas Tolstói decidiu-se pela justiça, pela luta em prol daqueles que se afundavam na obscuridade da pobreza e da injustiça. O autor libertou seus servos e doou-lhes as terras onde trabalhavam. Estes, porém, desconfiados, devolveram-lhe as propriedades. Isso nos mostra, como já dito, a importância dada pelo autor em tirar essa gente da ignorância, pois são pessoas que acreditam que o que está imposto há séculos não deve ser questionado.

O autor tem consciência de que a propriedade não tem como ser simplesmente apagada da estrutura social e em seu lugar colocar outra estrutura onde a terra seria coletiva e não pertenceria a ninguém. As estruturas estabelecidas e que favorecem uma pequena parcela da sociedade não são fáceis de serem questionadas e não serão mudadas rapidamente. Isso fica claro com o episódio em que os servos ficam desconfiados de Nekhludov pelo seu absurdo descumprimento das convenções quando este lhes oferece as terras beneficiando a eles próprios:

Aujourd'hui du moins je ferai autrement, et je déferai ensuite ce que j'ai fait à Kouzminskoïe ! » Et il arrêta aussitôt, dans sa pensée, un nouveau projet, qui consistait à louer ses terres aux paysans, mais de telle façon que le prix qu'ils paieraient pour la location ne serait point pour lui, mais pour eux-mêmes, et leur servirait à payer leurs impôts, comme aussi à défrayer d'autres dépenses d'utilité générale. Ce n'était pas encore l'idéal qu'il avait rêvé ; mais il ne voyait, dans les circonstances présentes, aucune autre combinaison qui s'en approchât davantage. Et puis l'essentiel était qu'il renonçât, pour sa part, à user de son droit légal de possession de la terre<sup>6</sup> (TOLSTÓI, 1900, p. 191).

Essa passagem vai ao encontro também da teoria do autor de que “O nivelamento social não deve – é a idéia central de Tolstói – vir de baixo, como querem os revolucionários, que expropriam à força os possuidores, mas, do alto, por uma renúncia espontânea dos

---

<sup>6</sup> Minha tradução: “Hoje, ao menos, farei de outro modo, e eu desfarei em seguida o que eu fiz em Kouzminskoïe!” E ele mantém no pensamento um novo projeto que consistia em alugar suas terras aos camponeses de tal forma que o preço que eles pagariam pela locação não seria para si, mas para os próprios camponeses e serviria para que eles pagassem seus impostos, bem como para custear outras despesas gerais. Não era ainda o ideal que ela havia sonhado ; mas ele não via nas circunstâncias presentes, nenhuma outra combinação melhor. E, depois, o essencial era que ele renunciava a usar seu direito legal de posse da terra”.

mesmos” (ZWEIG, 1961, p. 34). Impede-se, dessa forma, a violência que geraria mais conflitos ao se estabelecer uma mudança de baixo para cima. Seria preciso que os donos das propriedades cedessem seus direitos em prol de um uso coletivo que beneficiasse um maior número de pessoas. Se tal situação se efetivasse, ocorreria sem lutas e sem contestação, pois eram os próprios proprietários que cediam suas posses.

Em relação as suas vivências em um meio social mais rico, o autor nos diz:

Cada vez que tentava exprimir meu desejo mais íntimo, o de ser moralmente bom, não encontrava mais do que desprezo e zombarias; no entanto, assim que me entregava às más paixões, era louvado e encorajado (ZWEIG, 1961, p. 47).

Essa é a situação também vivida por Nekhludov que, por não ter apoio por suas atitudes boas e ser louvado pelas más atitudes, pelos abusos da riqueza, acaba se conformando com tal situação. A crítica a essa sociedade se manifesta na passagem:

Naguère il était un jeune homme loyal et désintéressé, toujours prêt à s’abandonner tout entier à ce qu’il croyait être le bien ; à présent, il n’était plus qu’un égoïste et un débauché, ne se préoccupant que de son plaisir personnel. Naguère, le monde lui apparaissait comme une énigme qu’il s’efforçait de déchiffrer avec un enthousiasme joyeux ; à présent, tout, dans le monde, était pour lui simple et clair ; tout lui semblait subordonné aux conditions de sa vie personnelle. Naguère, il tenait pour important et nécessaire de communier avec la nature et avec les hommes qui avaient vécu, pensé et senti avant lui, les philosophes et les poètes du passé ; à présent, il tenait pour important et nécessaire d’être en communion avec ses camarades et de se conformer aux habitudes mondaines de sa caste<sup>7</sup> (TOLSTOI, 1900, p. 40).

A mesma crítica aparece quando Nekhludov dá aos camponeses as terras que herdara de seu pai. Essa decisão aterroriza sua família, que o repreende e o desaprova. Contudo, suas atitudes não são alvo de críticas: quando estando inserido na sociedade aristocrática, o jovem

---

<sup>7</sup> Minha tradução: “Há pouco, ele era um jovem leal e desinteressado, sempre pronto a dar-se inteiramente ao que ele acreditava ser o bem; nesse momento, ele não era mais que um egoísta, preocupado somente com o gozo pessoal. Há pouco, o mundo lhe aparecia como um enigma que ele se esforçava para decifrar com um entusiasmo alegre; nesse momento, tudo no mundo era para ele simples e claro, tudo parecia subordinado às condições de sua vida pessoal. Há pouco, ele considerava importante e necessário estar em comunhão com a natureza e com os homens que tinham vivido, pensado e sentido antes dele, os filósofos e os poetas do passado; nesse momento ele considerava importante e necessário a comunhão com os seus companheiros e se conformar com os hábitos mundanos de sua casta”.

começa a gastar sem controle, dissipando seu dinheiro na companhia de outros jovens de sua casta.

É marcante a oposição de Tolstói ao Estado, pois ele o via como uma instituição falida, um sistema que mantinha a divisão social em classes e favorecia os mais ricos, era marcado por desvios e por corrupção. Uma dessas instituições pertencentes ao Estado e, que se tornam alvo de críticas no romance, são os tribunais judiciais. O autor não acreditava na eficiência e na justiça desses tribunais: “Cette question était de savoir pourquoi et comment avait pu être créée l’étonnante institution qu’on appelait le tribunal criminel, et qui avait pour conséquences les prisons, les bagnes, les forteresses, le sacrifice de milliers d’êtres humains”<sup>8</sup> (TOLSTÓI, 1900, p. 256).

Tolstói criticava igualmente o funcionamento das repressões, condenações e sistemas de prisão:

Agora é verdadeiro o contrário: a ação do Estado com seus meios cruéis de coação, atrasados para o nosso grau de civilização, como os cárceres, as prisões de forçados, a forca, a guilhotina, concorre muito mais para a selvageria de costumes do que para o seu melhoramento, e antes aumenta do que diminui o número de violentos (ZWEIG, 1961, p. 100-101).

Essa crítica aparece no romance ao lado do questionamento sobre a funcionalidade e a consequência das condenações em prisões e trabalhos forçados: “[...] — N’empêche que, avec vos prisons, vous ne sauriez prétendre à protéger la société ; car ces hommes que vous mettez en prison en sortent, tôt ou tard ; et le régime auquel vous les soumettez n’a pour effet que de les rendre plus dangereux”<sup>9</sup> (TOLSTÓI, 1900, p. 267).

A cegueira da sociedade diante dos problemas causados pelo contraste entre ricos e pobres tornou-se evidente aos olhos de Nekhludov quando este se vê confrontado com seu passado:

---

<sup>8</sup> Minha tradução: “A questão era saber por que e como se pôde criar a espantosa instituição que chamávamos de tribunal criminal e que tinha por consequências as prisões, campos de trabalhos forçados, fortalezas, o sacrifício de milhares de seres humanos”.

<sup>9</sup> Minha tradução: “[...] – Não impede que, com suas prisões, vocês afirmem proteger a sociedade; contudo, esses homens que vocês colocam nas prisões, saem delas cedo ou tarde; e o regime ao qual vocês os submetem tem por efeito somente torná-los ainda mais perigosos”.

Vingt fois, au cours de ces trois mois, il s'était demandé : « Est-ce moi qui suis fou, et qui vois des choses que les autres ne voient pas ; ou bien est-ce les autres qui sont fous, ceux qui font ou tolèrent les choses que je vois ? » Or les autres hommes étaient si absolument unanimes non seulement à tolérer ces choses qui étonnaient Nekhludov, mais à les considérer comme importantes et nécessaires, qu'il ne pouvait admettre que tous ils fussent fous ; et, d'autre part, il ne pouvait admettre qu'il fût fou lui-même, car ses idées lui semblaient tout à fait claires et suivies. De sorte qu'il ne savait toujours pas à quelle solution il devait s'arrêter<sup>10</sup> (TOLSTÓI, 1900, p. 339-340).

Parece estarmos diante de uma das conclusões a que chega o autor e que é expressa nos últimos capítulos do romance: a crença de que a interpretação pessoal do Evangelho é a resposta para os questionamentos do personagem e, assim, o caminho para sua “ressurreição”. Pois, o autor percebe que o Evangelho, da forma como é interpretado e utilizado pela Igreja ortodoxa russa, se distancia profundamente dos verdadeiros ensinamentos de Cristo e, por isso, se vê com a responsabilidade de interpretá-lo e transmiti-lo a toda a sociedade. (Cf. ZWEIG, 1961)

A dúvida persistirá, pois o autor, de forma espetacular, deixa em suspense essa nova fase da vida do personagem. As questões postas por Tolstói e as indagações do personagem são de tal forma tão complexas que nenhum dos dois seria capaz de encontrar respostas satisfatórias e conclusivas acerca do que se propõe analisar.

### **Considerações finais**

A obra contesta estruturas estabelecidas do poder, estruturas que são convencionadas e aceitas pela sociedade. As instituições do Estado, a propriedade, a desigualdade social são temas explorados pelo autor. Mostra-se a ignorância das pessoas diante dessas mesmas instituições tomadas como imutáveis. Assim, Tolstói, ele mesmo e seus personagens lutam em prol de uma educação social para que haja uma “ressurreição” do pensar revolucionário e contestador sem, contudo, ser necessário o uso de armas e o início de uma guerra.

---

<sup>10</sup> Minha tradução: “Vinte vezes, no curso desses três meses, ele se perguntava: ‘Sou eu o louco, que vê coisas que os outros não veem ou são os outros os loucos, esses que fazem ou toleram as coisas que eu vejo?’ Ora, os outros homens são tão absolutamente unânimes não só em tolerar as coisas que assombravam Nekhludov, mas a considerá-las importantes e necessárias, que ele não podia admitir que todos eles fossem loucos, e, por outro lado, ele não podia admitir que ele era louco também, pois suas ideias pareciam-lhe claras e contínuas. De modo que ele não sabia a qual solução ele devia se deter.”

A busca por respostas às perguntas de Nekhludov e do autor é também a nossa busca. O leitor se prende à narrativa acreditando encontrá-las no desfecho da obra. Eis que o autor nos surpreende deixando as perguntas sem as respostas esperadas.

As perguntas iniciais se mantêm e outras se juntam a elas: terá o personagem encontrado as respostas no seu trajeto, após se deparar com as misérias da humanidade? As respostas estariam na sua interpretação do Evangelho? Ou tudo não passaria de uma ironia do autor em relação às crenças? Seja como for, tudo se distancia de uma resposta exata.

### Referências bibliográficas:

LUKÁCS, Georg. Narrar ou descrever? In: *Ensaaios sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 47-99.

\_\_\_\_\_. Tolstói e a extrapolação das formas sociais da vida. In: *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000, p. 150-162. (Coleção Espírito Crítico).

ZWEIG, Stefan. *O pensamento vivo de Tolstói*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961. (Coleção Biblioteca do Pensamento Vivo).

TOLSTÓÏ, Léon. *Résurrection*. Paris: Librairie Académique Didier, 1900. Disponível em: <http://fr.wikisource.org/wiki/R%C3%A9surrection>. Acesso em: 05/06/2012.

WATT, Ian. O realismo e a forma do romance. In: *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 11-33.

### La violence marquant dans *Résurrection*, de Léon Tolstoï

**Résumé:** L'objectif de ce travail est d'analyser le roman *Résurrection*, de Léon Tolstoï. La finalité est l'étude des critiques formulées par l'auteur d'un récit qui se déplace vers l'essence des contradictions sociales et les conflits de la conscience du protagoniste qui est défié par les situations qui lui sont présentées: la violence entre les classes (par exemple, le viol d'une jeune fille par Nekhludov), l'injustice, la prison, la propriété comme celle qui maintient les inégalités, etc. Dans ce conflit, les croiances et les moeurs seront des tourmentes pour le personnage principal. Un conflit qui est également de l'auteur, montrant des points biographiques dans le travail. Les études de Lukács, Watt et Zweig seront utilisés comme base pour comprendre la structure du récit, de caractère réaliste, qui se déroule en deux biais: la relation du protagoniste avec sa bien-aimée (La Maslova) et les conflits surgis de cette insatisfaction à l'égard de la situation sociale du pays. Avec Zweig il y aura la possibilité de mieux comprendre la pensée de l'auteur lui-même qui voit dans la création et dans le partage

des propriétés le principal facteur de l'émergence de l'inégalité sociale et de la violence mis en place à la suite de cette inégalité.

**Mots clés:** Inégalité sociale. Injustice. Croyance.

**Artigo recebido em:** 30 de maio de 2013.

**Artigo aprovado em:** 17 de junho de 2013.